Análise de Conteúdo: uma metodologia para o estudo da Folkmídia[1]

Bianca Gonçalves de Freitas[2]
FATEA (Faculdades Integradas Teresa D´Ávila) – Lorena (SP)

Resumo

Uma das preocupações da "Folkmídia" é o estudo de como se dá o uso dos elementos folkcomunicativos na mídia. Este estudo tem como proposta mostrar como a metodologia da Análise de Conteúdo pode ser bastante eficaz para analisar o resultado da cultura quando ela é mediada pela televisão, em especial, quando transmitida no telejornal, espaço em que as manifestações folkcomunicacionais são editadas e reconstruídas. Para isso, foram observados como os telejornais da TV Vanguarda,[3] afiliada da Rede Globo no Vale do Paraíba, retratam a Folia de Reis. O trabalho analisou o conteúdo do produto noticioso, a partir de três aspectos: a criação de uma nova temporalidade, a modificação do contexto e o processo de seleção e edição de imagens.

Palavras-chave

Folkmídia; Folkcomunicação; Análise de Conteúdo; Folia de Reis; Vale do Paraíba

A Folkcomunicação transformada em Notícia

Um das grandes preocupações dos pesquisadores da Folkcomunicação é com o que acontece quando a cultura vai para a TV. Essa é a área chamada de "Folkmídia", termo que se refere à "utilização de elementos folkcomunicativos na mídia ou abstraídos do folclore e vice-versa" (Luyten, 2003). A VI Conferência da Folkcomunicação frisou a importância de "estudar a difusão do folclore pelas indústrias midiáticas, identificando os elementos incorporados e reestruturados por ela, além de localizar os aspectos

[1] Artigo apresentado no GP Folkcomunicação, inserido na DT 8 – Estudos Interdisciplinares, para o Intercom 2011 – Recife (PE), setembro de 2011

[2] Jornalista, mestre em Comunicação pela Universidade Paulista, na área de Comunicação e Cultura Midiática. Professora do curso de Comunicação Social das Faculdades Integradas Teresa D´Ávila (FATEA), em Lorena (SP). Email: biancagf@terra.com.br.

[3] A TV Vanguarda, com sede em São José dos Campos, interior de São Paulo, cobre 46 cidades do Vale do Paraíba, Litoral Norte, Serra da Mantiqueira e Região Bragantina.

singulares e os globalizados. Com isso, analisar como a indústria midiática dimensiona tais modos de pensar, sentir e agir dos grupos sociais e das comunidades".

Nessa pesquisa, buscou-se entender o resultado da cultura quando ela é mediada pela televisão, em especial, quando transmitida no telejornal, espaço em que as manifestações folkcomunicacionais são editadas e reconstruídas. Na pesquisa realizada, o foco foi avaliar o processo de edição e de construção de um novo evento, uma nova festa, como resultado da mediação realizada pelo telejornal. Para isso, a metodologia da Análise de Conteúdo, proposta por Laurence Bardin, mostrou-se bastante eficaz.

Para este estudo, foram observados como os telejornais da TV Vanguarda, afiliada da Rede Globo no Vale do Paraíba, retratam a Folia de Reis, evento do Ciclo do Natal na região. O trabalho analisou o conteúdo do produto noticioso, a partir de três aspectos: a criação de uma nova temporalidade, a modificação do contexto e o processo de seleção e edição de imagens. Para isso, foram analisadas todas as reportagens veiculadas pela TV Vanguarda referentes aos natais de 2004 e 2005.

A hipótese é de que o telejornal, com suas características de produção – desenvolvimento da reportagem, edição, inserção da notícia na grade e divulgação – recria, retrabalha e reconstrói a festa, transformando-a em notícia e em produto da indústria cultural, uma versão da festa. Isso vai trazer para a festa um novo sentido, diferente do original que a caracteriza.

As mídias, em especial a televisão, demonstram interesse pelos elementos tradicionais, espontâneos, populares e folclóricos. A pesquisadora Cristina Schmidt afirma que as referências folclóricas das diversas localidades nacionais ou internacionais se acentuaram como pauta para a formatação e criação de produtos midiáticos como novelas, matérias jornalísticas, debates, desafios, roteiros turísticos, modas.

> A inserção midiática, entretanto, propõe uma cultura sempre diferente, mas nem sempre nova e original, pois incorpora imagens do mundo globalizado sem perder as singularidades nacionais, regionais ou locais. Nesse contexto, não há a perda total das raízes ou da identificação, ocorre a universalização de alguns elementos e a substituição de outros, para o que Octavio Ianni (1993) chama de 'novo folclore cosmopolita'. (SCHMIDT, 2003)

E é essa televisão, com essas características, que vai ser o principal veículo de divulgação da cultura regional, gerando os impactos na modificação de seu sentido, que

serão estudados neste trabalho. No telejornal, a manifestação popular, a festa típica, o artesanato, a culinária, os costumes, enfim, a tradição regional viram notícia.

> Trata-se do mosaico cultural que a mídia globalizada enseja diariamente, rompendo o isolamento social em que os cidadãos comuns viveram até recentemente. Costumes, tradições, gestos e comportamentos de outros povos, próximos ou distantes, circulam amplamente na "aldeia global". Da mesma forma, padrões culturais que pareciam sepultados na memória nacional, regional ou local ressuscitam profusamente, facilitando a interação entre gerações diferentes, permitindo o resgate de celebrações, ritos ou festas aparentemente condenados ao esquecimento. (MARQUES DE MELO, 2002, p. 67)

Como afirma Marques de Melo, a velocidade com que o processo de mundialização se dá não deixa alternativa às culturas nacionais senão integrar-se no cenário da aldeia global. "Trata-se de um processo que tem como agente o cidadão global, atuando como consumidor no mercado cultural e balizando-se pelas mensagens que a mídia (massiva ou segmentada) dissemina cotidianamente. O folclore atua como elemento de mediação/decodificação/adaptação no âmbito comunitário" (1998, p. 56).

E é nesse espaço local, mediatizado pela televisão e globalizado pelo mercado, que se insere o objeto deste estudo: a TV e a cultura da região do Vale do Paraíba e a busca dos novos sentidos trazidos por suas inter-relações.

Como diz Beltrão, a região é o melhor lugar para se estudar a comunicação:

> Não há melhor laboratório para a observação do fenômeno comunicacional do que a região. Uma região é o palco em que, por excelência, se definem os diferentes sistemas de comunicação cultural, isto é, do processo humano de intercâmbio de idéias, informações e sentimentos, mediante a utilização de linguagens verbais e não-verbais, e de canais naturais e artificiais empregados para a obtenção daquela soma de conhecimentos e experiências necessárias à promoção da convivência ordenada e do bem-estar coletivo. (BELTRÃO, 1976, p. 37)

O Vale do Paraíba é também uma região rica em tradições da cultura popular e rural, com festas de santos e padroeiros, artesanato (madeira, barro, palha, bambu), danças e folguedos, culinária típica e outras manifestações. Uma delas é a Folia de Reis, que é uma homenagem aos Três Reis Magos, anunciadores do nascimento de Jesus. A festa consiste na representação da peregrinação dos Reis Magos, ou Santos Reis, até o encontro com o Menino Deus. Essa peregrinação é realizada por meio de jornadas de grupos de cantadores e violeiros que visitam casas de fiéis, com a bandeira de reis,

abençoando a família e seu presépio. Durante as visitas, os cantadores recebem donativos e prendas que serão destinados a uma festa de caráter aberto, para a qual toda a população está convidada e que simboliza a Festa da Chegada dos Reis ao seu destino, ou Festa de Reis. As jornadas, tradicionalmente, iniciam-se na noite de Natal, e vão até o dia de Reis, 6 de janeiro, data do encontro dos reis com Jesus.

Acreditamos que ao adaptar a festa aos modos de produção e à linguagem do telejornal essa festa é reconstruída. O telejornal foi escolhido por, supostamente, ser uma representação do real e, por isso, ter papel fundamental na construção de significados e valores de uma sociedade. Trata-se de uma mediação com narrativa própria, um produto televisivo a serviço do mercado que, modificado, recria e reorganiza a festa. A velocidade do processo de produção jornalística e o *timing* de fechamento dos telejornais incorporam-se à narrativa do evento, criando um produto midiático diferente do original, da festa em si, mas que, por outro lado, tem papel essencial na divulgação do evento e de sua valorização na comunidade.

Neste sentido, o Prof. Dr. Joseph Luyten defendeu, no artigo, "A função e a utilidade da folkmídia", a importância desse campo de estudo da Comunicação, que destaca que a folkmídia é o campo da Comunicação que se propõe a investigar a presença de elementos da cultura popular pela mídia de massa e analisar a maneira como são utilizados.

> Julgamos conveniente destacar o termo folkmídia como significativo de utilização de elementos folkcomunicacionais pelos sistemas de comunicação de massa. Acreditamos, desta forma, estarmos colaborando para um entendimento melhor de um fenômeno que se torna mais e mais evidente em uma época como a nossa, em que o inter-relacionamento das várias formas distintas de comunicação vai se revestindo de interesse cada vez maior da parte de estudiosos do fenômeno geral a que chamamos Comunicação Social. (LUYTEN, 2002)

Mediada pela TV, no nosso entender, a festa tem seu sentido afetado. A narrativa telejornalística modifica a narrativa da festa, dando ao evento um outro sentido. Com o uso da metodologia de Análise de Conteúdo foi possível analisar esse processo de reconstrução promovido pelo telejornal, a partir de três aspectos ou categorias: criação de uma nova temporalidade, a descontextualização e o processo de edição e seleção de imagens e cenas.[4]

[4] Estabelecemos essas categorias com base em leituras realizadas nas obras dos autores Ciro Marcondes Filho e Muniz Sodré. Nenhum deles propõe uma análise específica a partir desses três aspectos.

A **temporalidade** da festa é modificada, pois seu fio narrativo e a construção de significados seguem uma temporalidade diferente da narrativa telejornalística. O tempo curto e fragmentado do telejornal não deixa que a narrativa da cultura se teça e sua real significação seja divulgada. A temporalidade é central na festa e esse tempo da festa, que tem um processo de duração de meses, é resumido em dois ou três minutos. Enfim, o telejornal não narra a história e ainda a encaixa numa temporalidade que não é real.

A alteração do sentido original e a atribuição de novos significados também se dá pela **descontextualização**. Neste caso, o evento cultural, a festa, representa um acontecimento social, espaço onde acontecem relações entre a comunidade, as microrrelações sociais entre o grupo que organiza a festa, as famílias que recebem os foliões e as que participam apenas nesse momento. É uma narrativa com memória e significação social, que é inserida dentro do telejornal, entre uma notícia e outra. A cobertura jornalística, além de abranger um contexto mínimo da festa, tira o tema de sua totalidade, inserindo-o ao lado de diversas notícias, como mais um evento pitoresco que aconteceu em um dia, transformando-o em produto de consumo cultural.

Na técnica de **edição e seleção de cenas**, o processo de reconstrução se completa. A escolha se dá pelas imagens espetaculares que mostrem brilho, novidade, exotismo, enfim, o "folclórico" com suas cores, danças e música. Não mostra os bastidores, a preparação, as relações, as orações, as visitas. Não mostra o sentido profundo de religiosidade e tradição, de união da comunidade em torno da fé. A edição ressalta e destaca preferencialmente os elementos espetaculares do evento.

Ao fazer isso, o telejornal reconstrói, edita e modifica o sentido original da festa, para transformá-la em notícia. Tudo o que acontece na sociedade entra no formato telejornalístico: do acidente de trânsito ao evento cultural. É o processo de **transformação da vida em notícia, em produto televisivo**. O critério não é ser fiel à representação da festa, mas colocá-la dentro do modelo de veiculação do telejornal.

Uso da Análise de Conteúdo para estudo da Folkmídia

Para o estudo das matérias sobre a Folia de Reis dos telejornais da TV Vanguarda, foi utilizada a análise de conteúdo, segundo a proposta de Laurence Bardin, que a define como:

> Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) desta mensagem. (BARDIN, 1977, p. 42)

A autora explica que a leitura efetuada pelo analista tem por objetivo realçar um sentido que se encontra em segundo plano, que é o que vamos buscar analisando as matérias jornalísticas sobre a Folia de Reis veiculadas pela TV Vanguarda.

Albert Kientz afirma que a análise das mensagens difundidas pelas mídias permite apurar com exatidão as atitudes, as tendências e, em última análise, o espírito que caracteriza o jornal, a emissora de rádio ou a televisão (1973, p. 58). "A análise de conteúdo permite revelar (no sentido fotográfico), os modelos, as imagens, os estereótipos que circulam na cultura de massa" (1973, p. 69).

Bardin estabelece três fases bem definidas para análise de conteúdo: pré-análise, exploração do material e tratamento ou interpretação dos resultados.

1. Pré-análise e exploração do material

A fase de pré-análise refere-se à organização do material propriamente dito e tem como objetivo operacionalizar e sistematizar as idéias principais. Geralmente, essa primeira fase possui três missões*: "a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final*" (1977, p.95, grifo do autor).

1.1 A escolha dos documentos

Bardin lista quatro regras básicas para a seleção dos documentos a serem analisados: a) Regra da Exaustividade; b) Regra da Representatividade; c) Regra da homogeneidade; d) Regra de Pertinência (1977, p. 97-99).

Pela Regra da Exaustividade deve-se garantir que todos os elementos do *corpus* definido tenham sido selecionados para o estudo. Podemos assegurar que esse critério foi atendido, ou seja, todas as reportagens sobre Folia de Reis no período definido foram analisadas. Para isso, foi contratado o serviço de uma empresa de *clipping* eletrônico, que registra todas as matérias de todas as edições dos telejornais da TV Vanguarda.

A Regra da Representatividade visa garantir que a amostra seja parte representativa do universo inicial. Neste caso, os resultados obtidos para a amostra serão

generalizados para o todo. Podemos garantir que a amostra selecionada representa o todo da cobertura sobre Folia de Reis no período analisado.

A Regra da Homogeneidade garante que os documentos retidos precisam ser homogêneos, ou seja, obedecem a critérios precisos de escolha. Isso é garantido pela escolha de uma única emissora, e pela análise apenas de telejornais, produtos noticiosos que obedecem ao mesmo formato e processo de produção.

Pela Regra da Pertinência, conforme Bardin, garantimos que os documentos selecionados para o estudo são "adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise" (1977, p. 98).

Os documentos escolhidos para análise foram todas as matérias sobre a Folia de Reis veiculadas pela TV Vanguarda, referentes ao Ciclo de Natal de 2004 e de 2005. No total, a emissora levou ao ar seis matérias, sendo que três delas foram relacionadas ao primeiro período, veiculadas entre os dias 30 de dezembro de 2004 e 6 de janeiro de 2005; e as outras três referentes ao segundo período, divulgadas nos dias 13 e 16 de janeiro de 2006. Elas foram inseridas nos dois principais telejornais regionais da emissora: o *Vanguarda TV 1ª* Edição (das 12h15 às 12h45) e Vanguarda TV 2ª Edição (18h50 às 19h10), que vão ao ar de segunda a sábado.

1.2 Formulação das hipóteses

A segunda dimensão faz referência às hipóteses formuladas. Nesta análise, a proposta é mostrar como o telejornal reconstrói o sentido da festa, transformando-a em produto noticioso, a partir de três aspectos.

O primeiro refere-se à criação de uma nova temporalidade, por entendermos que esse é um elemento central da festa que é modificado pelo telejornal. Em seguida, foi feita a análise dos aspectos que promovem a descontextualização do tema, já que acreditamos que, no telejornal, elementos importantes da festa são suprimidos ou tratados de forma fragmentada, assim como outros são inseridos, alterando o sentido original do evento. Neste ponto, trataremos também de como a escolha do telejornal, o bloco e a posição na matéria no bloco do telejornal, entre uma notícia e outra, concorrem para a compreensão da Folia de Reis como mais um evento pitoresco da região. Em terceiro, analisaremos como o processo seleção de imagens e edição acontece no telejornal, comprometendo a compreensão do sentido da Folia de Reis.

1.3 Elaboração dos indicadores para análise

Bardin explica que a escolha dos indicadores se dá em função das hipóteses (1977, p. 100). O material é recortado em unidades comparáveis de categorização e codificação. "Estas, de acordo com o material ou código, podem ser a palavra, a frase, o minuto, o centímetro quadrado" (BARDIN, 1977, p. 36). Para isto, é necessário definir as unidades de codificação ou de registro, ou seja, decompor o *corpus* da análise em itens e unidades menores que facilitem o estudo. Assim, cada item, ou seja, cada uma das seis matérias veiculadas sobre o tema Folia de Reis pela TV Vanguarda no período definido será codificada segundo 20 aspectos: a) Telejornal (indicação do telejornal em que foi veiculada a matéria); b) Data; c) Repórter; d) Cinegrafista; e) Tempo da matéria; f) Tempo médio das matérias do telejornal; g) Bloco do telejornal; h) Outras matérias do bloco; i) Foco da matéria: tema; j) Trechos que evidenciam o foco da matéria; k) Explicações sobre o que é a folia; l) Cidade; m) Tempo da fala de repórter e apresentadores; n) Tempo da fala dos entrevistados; o) Som da cantoria; p) Cortes; q) Cenas com palhaços em destaque; r) Cenas com crianças em destaque; s) Cenas com destaque para a bandeira/estandarte; t) Cenas produzidas;

2. Exploração do material

Para a segunda fase da análise de conteúdo proposta por Bardin, a exploração do material, todas as seis reportagens foram sistematicamente decupadas e codificadas e estruturadas conforme os indicadores definidos acima. Com base nesses indicadores, foram montados seis quadros, referentes às seis matérias, com os dados observados.

3. Interpretação dos dados

Para facilitar a visualização das informações da terceira etapa, que consiste no tratamento dos resultados obtidos e interpretação, esses indicadores serão separados em três grupos, de acordo com cada uma das três hipóteses da análise.

3.1 Criação de uma nova temporalidade

Para entender as mudanças que o telejornal processa em relação ao tempo da festa, foram analisados os itens: b) Data; e) Tempo da matéria; f) Tempo médio das matérias; p) Cortes. Assim, foi criada uma tabela com os dados das seis matérias:

Datas e duração das matérias elencadas

Itens	Matéria 1	Matéria 2	Matéria 3	Matéria 4	Matéria 5	Matéria 6

Data	30/12/2004	3/1/2005	6/1/2005	13/1/2006	13/1/2006	16/1/2006
Tempo da matéria	2min15s	4 min (-55s)	6min30s	1min33s	1min44s	2min20s
Tempo médio das matérias	1min32s	1min53s	2min04s	1min19s	1min08s	1min18s
Som das cantorias	14s	31s	48s	4s	6s	30s
Cortes	28 cortes	43 cortes	72 (cortes + ao vivo)[5]	18 cortes	27 cortes	32 cortes

A partir desse ponto, cada um dos cindo itens foi analisado separadamente, permitindo uma série de observações.

No caso dos cortes, por exemplo, eles são um importante aspecto relacionado ao tempo, porque é referente ao ritmo. Apesar de esse ser um elemento da edição, a forma como é utilizado determina fortemente a temporalidade da narrativa. O número de cortes, as falas curtas dos "personagens", as seqüências intercaladas não expressam esse tempo, têm um dinamismo diferente do que buscam retratar. É a estética do videoclipe que contamina tudo e não deixa as coisas se mostrarem, dando uma temporalidade acelerada à festa.

Fazendo a relação entre o tempo da matéria e o número de cortes, podemos obter o número de cortes por minuto. Foi montada outra tabela, indicando que todas as matérias têm uma média de dois cortes a cada 10 segundos, ou seja, um corte acontecendo a cada cinco segundos aproximadamente. Esse é um número grande de cortes, que dão uma velocidade maior à narrativa, mesmo quando o que está sendo narrado tenha uma velocidade mais lenta.

Além disso, os cortes são intercalados por cenas de outros momentos, fora da seqüência natural, ou seja, em um momento o repórter está dentro da casa, depois fora, depois aparece uma imagem de outra visita, já terminada... Em várias situações, cenas já usadas são reaproveitadas. Apesar de dar uma idéia de encadeamento, a seqüência está fragmentada, pois não há uma continuidade natural na narrativa. Na festa, a seqüência dos eventos tem um sentido importante, pois conta uma história.

[5] Para obter este número, como parte da matéria é mostrada ao vivo, não há cortes, mas sim um movimento contínuo da câmera que se desloca de um ponto para outro, de um personagem para outro. Assim, vamos considerar cada ponto em que a câmera se detém como uma imagem em si, como se fosse um corte. Para obter o total de 72, foram somados os 37 cortes da parte gravada com as 35 imagens coletadas ao vivo.

O tempo também é um elemento importante no contexto da festa. Ele também contextualiza os fatos, mas foi estudado separadamente porque é um item de destaque no conceito e no sentido da festa. No item seguinte, falaremos sobre o processo de descontextualização que acontece de forma mais direta.

3.2 Descontextualização

Para analisar como se dá o processo de descontextualização, foram estudados os itens: a) Telejornal; c) Repórter; d) Cinegrafista; g) Bloco do telejornal; h) Outras matérias do bloco; i) Foco da matéria: tema; j) Trechos que evidenciam o foco da matéria; k) Explicações sobre o que é a folia.

Tabelas foram montadas mostrando os dados destacados acima observados na fase de exploração do material para cada uma das seis matérias. Para facilitar a compreensão e visualização das informações, a análise foi feita em duas etapas, que foram subdivididas de acordo com os elementos estudados.

Na primeira etapa, foram analisados os itens que interferem no contexto de forma mais macro, estudando as equipes que realizam a reportagem, o telejornal em que a matéria é veiculada, bem como em que bloco, qual a posição que o bloco ocupa e quais as matérias que a antecedem e sucedem no bloco, ou seja, os quatro primeiros itens da lista acima.

Para se ter uma ideia, no item "equipes de reportagem", foi observado que em seis matérias sobre o mesmo tema, trabalharam cinco repórteres diferentes e quatro cinegrafistas diferentes e isso nos dá importantes pistas sobre a descontextualização. Essa variação de profissionais reforça a possibilidade de descontextualização, já que se trata de um conhecimento específico (uma festa de tradição popular), que exige certa profundidade. Além disso, o fato de não haver um repórter dedicado a temas da cultura concorre fortemente para a superficialidade que acaba afetando o contexto, porque é necessário uma base consistente de conhecimento para fazer um bom trabalho.

Na segunda etapa, foi observado o processo de descontextualização que é promovido pelo conteúdo da matéria em si. Para isso, foram analisados os itens: Foco da matéria/ tema, Trechos que evidenciam o foco da matéria; Explicações sobre o que é a folia.

3.3 O processo de seleção das imagens e edição

O processo de seleção de imagens e edição das matérias é outro elemento que concorre para a desconstrução do sentido da festa. Neste item, foram analisadas as seguintes categorias: l) Cidade; m) Tempo da fala de repórter e apresentadores; n) Tempo da fala dos entrevistados; o) Som da cantoria; p) Cortes; q) Cenas com palhaços em destaque; r) Cenas com crianças em destaque; s) Cenas com destaque para a bandeira/estandarte; t) Cenas produzidas.

Considerações Finais

Com o uso da Análise de Conteúdo, foi possível evidenciar de forma mais objetiva as categorias propostas. Vimos que o tempo, elemento central da festa, é modificado devido ao tempo curto e fragmentado do telejornal. Embora haja uma preocupação da emissora em reservar uma duração maior para esse tipo de matéria, a média de dois minutos parece ser pequena para conseguir expressar o sentido da manifestação. O elevado número de cortes, por outro lado, aumenta o ritmo da narrativa, inserindo a manifestação em uma temporalidade acelerada, diferente da original, que é mais lenta, própria da origem camponesa dessa cultura. Além disso, o tratamento isolado das matérias tira a manifestação de seu tempo próprio, de sua seqüência original, apresentando-a como um evento isolado, desconectado, fora do contexto.

O estudo também permitiu ver que elementos importantes da festa são suprimidos pelo noticiário e outros são inseridos ou supervalorizados, modificando o sentido original do evento. A análise mostrou que a temática das matérias quase sempre recai no foco da oposição tradição-resgate, velho-novo, destacando essa dualidade e esquecendo de abordar o sentido, a importância, o valor presente e sempre atual da manifestação. Além disso, quando busca explicar o que é a manifestação, foi possível identificar os pontos em que o telejornal dá origem a dúvidas ao apresentar diferentes explicações para elementos importantes do evento, como o período em que ocorre, sua origem, onde ainda pode ser encontrado, ou, ainda, omitindo aspectos essenciais.

Além disso, vimos que a alteração do contexto da manifestação também se dá por outros fatores. Um deles é o fato de que em cada matéria equipes diferentes de reportagem fazem a cobertura, de modo que, a cada transmissão, a manifestação é narrada por profissionais que a conhecem pouco e não têm uma especialização ou uma

forma de construir um conhecimento aprofundado sobre o tema. Vimos que a opção pela veiculação das matérias na primeira edição do telejornal, apresentada no horário do almoço, aconteceu em 83% das vezes. Esse é o telejornal voltado para temas comunitários, abordados para a busca da identidade com a população. O telejornal de maior audiência é o da segunda edição, que vai ao ar entre as novelas das seis e das sete horas. A emissora também optou pela inserção da matéria no último bloco em cinco das seis vezes em que a manifestação foi abordada, colocando-a ao lado de temas esportivos e relativos a férias e carnaval, esvaziando o sentido religioso e mítico que a comunidade atribui ao evento, e imprimindo-lhe um caráter de entretenimento e amenidade.

A análise da seleção de imagens e edição revelou a opção pela divulgação das manifestações que ocorrem nas cidades próximas das emissoras de São José dos Campos e Taubaté, deixando de fora eventos representativos e importantes que ocorrem em outras cidades da região. A edição das falas das fontes revelou que os sujeitos da manifestação falam muito pouco, com declarações curtas e fragmentadas, e que a fala dos repórteres e apresentadores é predominante, conduzindo a narrativa. O conteúdo das falas também mostra que, na edição, esse espaço é dado aos sujeitos do evento quase sempre para expressar emoção ou contar casos peculiares. O único caso em que as fontes têm mais tempo e dão explicações sobre a folia foi quando a reportagem abordou o trabalho de uma ONG de São José dos Campos, que faz uma representação da Folia de Reis, mas não é uma folia tradicional. Ou seja, como são representantes da cultura erudita, um grupo que pesquisa a cultura popular, tiveram mais espaço no telejornal, com conteúdo de falas mais relevantes e expressivas. Como vimos, essa foi a matéria em que as explicações sobre a manifestação foram as mais confusas e fora do contexto.

O telejornal também deu pouco espaço para as cantorias, elementos que identificam a singularidade musical da Folia de Reis, com melodias em quadras e agudos característicos no final de cada uma. Por outro lado, as imagens privilegiaram os palhaços, as bandeiras e estandartes e as crianças, elementos que têm forte apelo visual. No processo de produção de algumas cenas para a busca de imagens bem acabadas, vimos que o telejornal interferiu na narrativa da manifestação, criando uma outra, própria para ser veiculada para a TV. Enfim, o processo de seleção de imagens e edição se dá privilegiando as imagens mais peculiares e coloridas, sem valorizar a fala dos sujeitos da manifestação. Sabemos que, mais do que uma técnica, a edição está

comprometida com os códigos da cultura que representa, a cultura midiática e de mercado. Ao recriar o universo simbólico, recria também a cultura, revestindo-a de uma face pitoresca e peculiar, com caráter de entretenimento.

Entendemos que essa forma de abordar a cultura regional no telejornal não é uma exclusividade da TV Vanguarda. Pelo contrário, propomos que é possível estender as análises e considerações aqui realizadas para a forma como atua a maioria dos telejornais das diversas emissoras brasileiras. Em primeiro lugar, pelo próprio formato do telejornal que se configura de forma rígida e fortemente estruturada. Em segundo, por entendermos que a TV Vanguarda, por ser uma emissora da TV Globo que, como vimos, definiu o padrão do telejornal na TV brasileira, representa um modelo seguido por outras emissoras no país. Também não pretendemos restringir os resultados do estudo apenas à cobertura da Folia de Reis, mas expandir esta percepção para o modo como o telejornal cobre a cultura regional de maneira geral.

Referências bibliográficas

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BELTRÃO, L. Comunicação popular e região no Brasil. In: MARQUES DE MELO, José (Org.). **Comunicação/Incomunicação no Brasil**. São Paulo: Loyola; UCBC, 1976.

MARQUES DE MELO, J; KUNSCH, W. L. (Orgs.). **De Belém a Bagé: imagens midiáticas do natal brasileiro**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo; Cátedra Unesco/Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1998.

KIENTZ, A. **Comunicação de massa: análise de conteúdo.** Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

LUYTEN, J. **Folkmídia, nova acepção da palavra**. Trabalho apresentado no V Folkcom – Santos (SP) – maio de 2002 e no XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom 2002) - Salvador (BA) - de 01 a 05.09.2002.

MARQUES DE MELO, J.; KUNSCH, W. L. (Orgs.). Folkcomunicação, patrimônio da Lusofonia. **Revista Imprensa**. São Paulo, v. 172, 01 jul. 2002.

SCHMIDT, Cristina. **A rede Folkcom e a inserção na globalização**. São Bernardo: Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional; Folkcom, 2003. CD-ROM.